

## O MUNDO DO TEXTO E REINO DE DEUS: Uma perspectiva a partir da Hermenêutica Filosófica de Paul Ricoeur

Manoel Botelho Cordeiro Neto

Universidade Metodista de São Paulo

Pós graduação Filosofia Contemporânea a História.

### 1. BREVE PANORÂMA DA HISTÓRIA DA INTERPRETAÇÃO

No chamado mundo antigo hermenêutica era interpretação de mitos, ou seja essa interpretação exige um certo distanciamento, ela é alegórica e moralizante.

Com o Cristianismo a necessidade de se compreender a continuidade do Antigo Testamento em relação ao evento de Cristo. Talvez, nesse sentido, o grande hermeneuta é Santo Agostinho que vai buscar para além do texto, ou seja, não é simplesmente exterioridade da letra e mas a interioridade do Espírito. Agostinho nitidamente é influenciado por Platão, por uma cosmologia criacionista e por uma antropologia da *Imago Dei*. Nesse sentido, para ele o caminho da verdade está no processo de interiorização e isso se faz fundamental para compreender a hermenêutica agostiniana.

Na idade média surge a *Quadriga*, que é a questão hermenêutica central e que busca a distinção entre os quatro sentidos das Escrituras (histórico ou literal, alegórico ou cristológico, tropológico ou moral e anagógico ou escatológico). Todavia, inicialmente com Martinho Lutero e depois no decorrer do processo da Reforma Protestante surge crítica a tradição eclesiástica e a afirmação que o crente, iluminado pelo Espírito Santo, consegue ter acesso as verdades bíblicas (*sola scriptura*). Isso resulta em uma pluralidade de interpretações e uma certeza subjetividade, faz-se importante lembrar também que o avanço da imprensa ajudou muito nesse processo.

Nessa mesma época René Descartes propões a certeza objetiva, o sujeito pensante e o método em 1654. J.C Danhauer propõe pela primeira vez a palavra Hermenêutica como a arte da interpretação. Contudo, ela surge e logo é preterida posto que no século XVIII com o surgimento do *ethos* modernos a revolução epistemológica já está, suspostamente, consolidada. E já se tem maquinas e princípios autoregulatórios como Estado, comunidade e mercado. Immanuel Kant propõe uma ética universal fundamentada na *Imperativo Categórico*. E para o Alemão, a modernidade marca o período da maioridade, da utilização pública da razão.

Todavia, paralelamente, ocorre a Revolução Francesa e G. W. Friedrich Hegel propõe a filosofia dialética ou da contradição. E Friedrich Schleiermacher é contemporâneo de Hegel e para ambos a modernidade não é maioria, assim como dizia Kant, e sim fadiga então é Schleiermacher que retoma a ideia de hermenêutica e a traz também a intenção de alcance universal, para ele a religião é o sentimento de dependência em relação ao Absoluto. Para ele toda obra é expressão de um espírito e será lida por outro espírito, na verdade então o espírito faz a mediação entre autor e leitor.

Schleiermacher começa o movimento que Paul Ricoeur chama de desregionalização que tem como finalidade formular uma hermenêutica geral, que se eleve acima das particularidades tanto de seus objetos particulares como de suas “regras e receitas, entre as quais, como observa Ricoeur, se dispersa na arte de compreender (RICOEUR, 1997, P.18)”.

É necessário também, considerar o legado que a hermenêutica de Schleiermacher tem das vertentes romântica e crítica. Romântica quando vê o espírito é o inconsciente criador trabalhando em individualidades geniais e crítica quando busca regras universalmente válidas para compreensão.

Em sequência Wilhelm Dilthey sugere que quando o sujeito epistêmico encontra o objeto existe um distanciamento entre eles, contudo quando um investigador das ciências humanas o faz, ele se vê no objeto. Dilthey na verdade amplia a intenção hermenêutica subordinando a problemática filológica e exegética à problemática histórica. “É essa ampliação, no sentido de uma maior universalidade, que prepara o deslocamento da epistemologia em direção à ontologia, no sentido de uma maior radicalidade” (RICOEUR, 1997, p.23) Então com Dilthey a hermenêutica passa a ser um método das ciências humanas ou das ciências do espírito.

Tendo lido Schleiermacher, Dilthey e Husserl, Martin Heidegger introduz uma nova questão, a noção de facticidade. Em Dilthey a compreensão se dá pela auto-gnose, auto-compreensão do sujeito. Em Heidegger a experiência é resgatada, o homem pertence ao mundo e só compreende o mundo por cuidar das coisas do mundo. Nesse caso a compreensão é prévia e não produto do método. Ela é na verdade ‘pre-compreensão’, é ante-predicativa. O humano então é *dasein*, e não sujeito, ou seja, ele é ente cujo modo de ser pergunta o que corresponde compreender. De algum modo, Heidegger coloca um fim na modernidade. E nesse caso ocorre a virada ou revolução hermenêutica do plano epistemológico, do método, para o plano ontológico, da interpretação. Nesse sentido, nesse momento ocorre mudança da hermenêutica, para hermenêutica filosófica e é onde o pensamento de Paul Ricoeur se insere.

## 2. HERMENÊUTICA FILOSÓFICA

Em *Existência e hermenêutica*, artigo publicado em 1965, Paul Ricoeur define Hermenêutica:

Ao propor religar a linguagem simbólica à compreensão de si, penso satisfazer o desejo mais profundo da Hermenêutica. Toda interpretação se propõe a vencer um afastamento, uma distância entre a época cultural revoluta à qual pertence o texto, e o próprio intérprete. Ao superar essa distância ao tornar-se contemporâneo do texto, o exegeta pode apropriar-se do sentido: de estranho, pretende torná-lo próprio; quer dizer, fazê-lo seu. Portanto, o que ele persegue, através da compreensão do outro, é a ampliação da própria compreensão de si mesmo. Assim, toda hermenêutica é, explícita ou implicitamente, compreensão de si mediante a compreensão do outro.<sup>1</sup>

No Prefácio a Bultmann que consta na obra “Ensaio sobre interpretação bíblica”, Paul Ricoeur diz que “a Hermenêutica é a decifração da vida no espelho do texto”.<sup>2</sup> Isto é, a grande revolução Hermenêutica de Paul Ricoeur é que ela deixa de ser uma procura pelo sentido, significado e intenções psicológicas do autor obscuras no texto e, agora, é a explicitação do *Dasein* revelado pelo texto.

É em princípio, porque estamos no mundo e lhe pertencemos por uma pertença participativa irrecusável que podemos num segundo momento opor a nós mesmo objetos que pretendemos constituir e dominar intelectualmente. O *Verstehen* [compreensão], para Heidegger, tem uma significação ontológica. É a resposta de um ser lançado no mundo, que nele se orienta projetando os seus possíveis mais próximos. A interpretação, no sentido técnico da interpretação dos textos, não é mais do que o desenvolvimento, a explicação deste compreender ontológico, sempre solidário a um ser antecipadamente lançado. Assim, a relação sujeito-objeto, da qual Husserl é tributário, está subordinada à confirmação de um ele ontológico mais primitivo que qualquer relação de conhecimento.<sup>3</sup>

É necessário entender o que para o filósofo francês, o ser não é transparente. É possível dizer que o “cogito ricoeuriano” é opaco e o ser só é ser se for ser-no-mundo. A linguagem, neste ponto, tem colocação privilegiada no conhecimento de si, e não o próprio sujeito.

---

<sup>1</sup> RICOEUR, Paul. 1978. p.18

<sup>2</sup> RICOEUR, Paul. **Ensaio sobre a interpretação Bíblica**. São Paulo: Fonte Editorial, 2004, p.49

<sup>3</sup> RICOEUR, Paul. p.39

Se, entretanto, a pressuposição subjetiva, a pressuposição de uma identidade, é um requisito necessário para a fundamentação das funções da consciência, o exercício dessas funções constitui-se, da mesma forma, no único acesso possível à esfera do sujeito.<sup>4</sup>

Para o filósofo francês não existe consciência de si mesmo, isenta de consciência de objeto. Só é possível se pensar ou desejar um objeto sendo um ser que o faz. Nesse sentido, o ser sempre carece de um outro para conhecer a si. “A consciência de si é também sempre consciência de outro”.<sup>5</sup> Tanto Schleiermacher quanto Ricoeur rejeitam o primado do sujeito, pois o sujeito só se estabelece em uma relação. Paul Ricoeur desenvolve seu pensamento sobre o sujeito em relação ao outro em seu livro “O si mesmo como um outro”, e ele afirma que o si mesmo, em certo modo, é o outro.<sup>6</sup>

Fundamentado em Freud, Ricoeur critica a Teoria da Consciência e vai contra o *Cogito* cartesiano.

A crítica, extraída da Psicanálise, vai ainda mais longe, chegando a instituir um campo simplesmente inacessível à consciência. O sujeito não é só consciente, mas é também constitutivamente inconsciente e pré-consciente – o que não pode ser reduzido a nenhuma qualidade de consciência.<sup>7</sup>

Existe essa inversão da “redução à consciência” em Descartes para a “redução da consciência”.<sup>8</sup>

O *Cogito* Ricoeuriano seria, como já dito, ‘opaco’. Ele precisa de outro, precisa do outro para se conhecer. O sujeito não está mais localizado na consciência; pelo contrário, o sujeito está na sua destruição, de modo que o sujeito está na construção, no processo de tornar-se consciente. Pensar, desejar, refletir será sempre um ato segundo, para o filósofo francês, mas necessário para se chegar ao primeiro que é o ato da existência. “O ato puro do *Cogito*, enquanto se põe absolutamente”, como se

<sup>4</sup> RUEDELL, Aloísio. **Da representação ao sentido**: através de Scheleiermacher à hermenêutica atual. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p.76

<sup>5</sup> IBIDEM, p.77

<sup>6</sup> RICOEUR, Paul. **O si mesmo como um outro**. Papirus, 1991

<sup>7</sup> RUEDELL, Aloísio. **Da representação ao sentido**: através de Scheleiermacher à hermenêutica atual. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p.79

<sup>8</sup> RICOEUR, Paul. **Le Conflit dès interprétations**, 234

fosse ato primeiro, “é apenas uma verdade abstrata e vazia...”<sup>9</sup> A razão é que ele ainda precisa ser mediatizado pelos signos, símbolos e, conseqüentemente, por sua interpretação. Nesse caminho de suspeição assumem-se dois caracteres do cogito: ele é certeza da existência ao mesmo tempo em que é a questão aberta sobre aquilo que é. Essa suspeição e tensão dialética são necessárias na compreensão do Cogito, ele pode ser absoluto ao mesmo tempo em que é uma abstração, o *cogito* está justamente no paradoxo, no desenvolvimento..

## 2. HERMENÊUTICA FILOSÓFICA NO MUNDO DO TEXTO

A Hermenêutica de Paul Ricoeur está ligada ao chamado “Mundo do Texto”, pois, para ele, ela transcende a Hermenêutica Romântica e a Estruturalista, ou seja, ela não está ligada somente ao gênio ou à estrutura, mas, sobretudo, ao Mundo do Texto, que é onde há possibilidade de ser; é para onde o ser é projetado.

Essa noção [de “Mundo do Texto”] prolonga o que acima chamamos de referência ou denotação do discurso. Em toda proposição podemos distinguir, com Frege, seu sentido e sua referência (...). Seu sentido é o objeto real que visa; este sentido é puramente imanente ao discurso. Sua referência é seu valor de verdade, sua pretensão de atingir a realidade. Por esse caráter, o discurso se opõe à língua, que não possui relação com a realidade, as palavras remetendo a outras palavras na ronda infundável do dicionário. Somente o discurso, dizíamos, visa às coisas, aplica-se à realidade, exprime o mundo.<sup>10</sup>

Para ele, todo discurso carrega consigo a carga interpretativa do *ser-no-mundo*, principalmente o discurso escrito pois é no texto que ele perde a função ostensiva ou mostrativa da fala. Quando há o discurso falado, o leitor e o interlocutor estão no mesmo momento juntos. Já com o texto escrito não há mais situação comum entre eles, por isso, é possível o Mundo do Texto no discurso escrito. Somente nele são abertas as possibilidades do ser.

Minha tese consiste em dizer que a abolição de uma referência de primeiro nível, abolição operada pela ficção e pela poesia, é condição de possibilidade para que seja liberada uma referência de segundo nível, que atinge o mundo, não mais somente no plano dos objetos manipuláveis, mas no plano que

<sup>9</sup> \_\_\_\_\_. **O conflito das interpretações:** existência e hermenêutica, 1965, p.20

<sup>10</sup> RICOEUR, Paul. 1977, p.55

Husserl designava pela expressão *Lebenswelt* [mundo da vida], e Heidegger pela de 'ser-no-mundo

Esse é o grande passo da Hermenêutica Ricoeuriana, já que já não é mais possível encontrar o outro e suas intenções psicológicas no texto, como pretendia a Hermenêutica Romântica, e também já não é possível desmontar as estruturas do texto, como pretendia a Hermenêutica Estruturalista. Interpretar, então, é explicitar o *ser-no-mundo* manifesto no texto.

O "Mundo do Texto" é um mundo que o próprio texto propõe e que pode ser habitado pelo leitor para que ele, o leitor, projete seus possíveis mais próximos. Note-se que é o texto que propõe o "mundo do texto", não é o autor, mas justamente o texto. Dessa forma, Mundo do Texto não é o da linguagem cotidiana. Antes, novamente, tem-se o distanciamento entre o real e si mesmo, o distanciamento que a ficção produz. Não existe discurso sem referente, contudo, poemas e contos, por exemplo, rompem com o referente da linguagem cotidiana e, assim, são abertas novas possibilidades de *ser-no-mundo*.

Sendo assim, a realidade quotidiana se metamorfoseia em favor daquilo que poderíamos chamar de variações imaginativas que a literatura opera sobre o real (...). Tomando o exemplo da linguagem metafórica (...), a ficção é o caminho privilegiado da descrição da realidade, e a linguagem poética é aquela que, por excelência opera o que Aristóteles (...) chamava de a *mimesis* [imitação] da realidade.<sup>11</sup>

Compreender-se diante do texto é a última noção apresentada. Em Ricoeur, o texto é a mediação pela qual o leitor compreende a si mesmo. Tratando-se de uma obra – o que é um texto – ela cria pra si uma situação subjetiva para seus leitores. Não existe como na fala a mesma situação entre leitor e interlocutor, contudo, com o texto existe essa situação subjetiva e é exatamente nesse sentido que então o leitor só se interpreta na medida em que ele mesmo se abstrai e se projeta no texto. Se abstrai do 'eu' cotidiano e se projeta como outro 'eu' possível que não deixa de ser o mesmo ao mesmo tempo que é um 'eu' diverso.

Esse problema já é conhecido da Hermenêutica: da aplicação (ou apropriação). Para Ricoeur, existem três razões para este problema. O fato de a apropriação estar

---

<sup>11</sup> Idem. p.57

dialeticamente ligada ao distanciamento típico da escrita, a objetivação típica da obra e por possuir o cara a cara com o “Mundo do Texto”.

O “Mundo do Texto” é para onde então o leitor vai e se perde de si mesmo para encontrar com um outro ‘eu’ possível. É quando, também, o ser interpreta o texto. A interpretação do texto só se faz possível quando o ser adentra o Mundo do Texto e no processo de compreensão do texto, começa a interpretar a si mesmo e projetar suas possibilidades mais próximas, ou seja, a interpretação do texto só é possível na medida em que o leitor se interpreta dentro do mundo do texto.

O “Mundo do Texto” só é real na medida em que é fictício, ao mesmo tempo em que a subjetividade do leitor só se manifesta quando colocada em suspeição. Logo, pode-se ver o paradoxo, sendo possível encontrar-se a si mesmo apenas ao perder-se. A compreensão é, simultaneamente, apropriação e desapropriação.

### **3. A BÍBLIA E O MUNDO DO TEXTO**

Quando se pensa no texto sagrado - no caso dos cristãos - a Bíblia, ela agora é, na visão de Ricoeur uma possibilidade de mundo ou, melhor dizendo, um mundo cheio de possibilidades de ser, de modo que, abandona-se, então, a ideia de que ela tem a intenção de simplesmente provocar sentimentos, desejos, atitudes ou a ‘conversão’ do leitor. Ela, assim, projeta o “Reino de Deus” enquanto um novo mundo, com novos homens, que são novas possibilidades de ser. O mundo do texto bíblico apresenta uma nova possibilidade existencial, para além da mera relação entre o homem e Deus. A polifonia do texto abre o espaço global com dimensões que são, de fato, existenciais, abordando a integralidade e paradoxalmente a infinitude da vida humana.

O texto bíblico deve ser tratado com algum diferencial por apresentar os referentes “Deus” e “Cristo”, e é desta maneira que se torna “Palavra de Deus”. Os diferentes modos de discurso que nomeiam Deus, até mesmo antes de ser um ato do leitor crente, apresentam um rosto de Deus que é múltiplo. Apresentam, também, uma

temporalidade múltipla: “hoje; em todo o tempo; para sempre”, o que demonstra abrangência igualmente temporal das Escrituras.

Dessa forma, com a concepção hermenêutica de Paul Ricoeur, e com o conceito de “Mundo do Texto”, pode-se perceber que, para o filósofo, a Hermenêutica Bíblica jamais seria compreendida na mera doação do sentido somente aos escribas bíblicos, em que os leitores buscariam compreender a intenção psicológica da experiência vivida pelos escritores. De forma que, o que realmente é inspirado é o texto e seu mundo.

#### 4. O REINO DE DEUS

O Reino de Deus é aquilo que Paul Ricoeur chama de metáfora limite por se tratar da revelação, de modo que o Reino de Deus é esse ponto centralizador do Antigo e do Novo Testamentos.

Considero que o que Jesus prega é o Reino de Deus, o qual se inscreve na nominação de Deus pelos profetas, pelos escatólogos e pelos apocalípticos. E o que é a Cruz sem o grito: Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste? E o que é a Ressurreição se ela não é um ato de Deus homólogo ao do Êxodo? Assim, uma cristologia sem Deus parece tão impensável quanto Israel sem Yahweh. E não vejo como ela não poderia deixar de se diluir em uma antropologia individual ou coletiva, inteiramente horizontal, e desprovida de seu poder poético.<sup>12</sup>

Aparentemente, Jesus, ao pregar o Reino de Deus através de parábolas, provérbios e proclamações escatológicas, leva o discurso a seu limite: o da revelação. A utilização de expressões-limites em Jesus intensifica, na linguagem bíblica, o caráter poético.

Que quer dizer a fórmula “O Reino de Deus pode ser comparado a...”? Vimos que o uso semântico e léxico da expressão “comparado a ...” não se aplica a quem faz alguma coisa na parábola, mas antes à sequência mesma das ações nas quais o ator principal está implicado. Assim fica o problema: como o “Reino de Deus” funciona enquanto referente das parábolas? Não podemos determiná-lo antes de ter colocado as parábolas em relação com outros tipos de enunciados nos quais o Reino de Deus serve também de ponto de convergência. Proponho dizer que a expressão “Reino de Deus” é uma expressão-limite em virtude da qual as diferentes formas de discurso, empregadas pela linguagem religiosa são modificadas, e pelo fato mesmo

---

<sup>12</sup> \_\_\_\_\_. 1996, p.198



convergem para um ponto último que se torna seu ponto de encontro com o infinito.<sup>13</sup>

A expressão “Reino de Deus” aparece como expressão-limite por apresentar como referente o último dos discursos, contudo, a expressão em si não é referente.

#### 4.1 O REINO NOS EVANGELHOS

É importante lembrar que “... Reino é significado apenas por parábolas, provérbios e paradoxos, sem que nenhuma tradução literal esgote seu sentido”.<sup>14</sup>

Não podemos determinar o Reino de Deus sem antes ter colocado as parábolas em relação com outros tipos de enunciado nos quais o Reino de Deus serve também de ponto de convergência.<sup>15</sup>

Paul Ricoeur recorre às análises de Ian Ramsey e diz que o modelo qualificador opera em três tipos diferentes de linguagem religiosa: escatológica, proverbial e parabólica, sendo que neste trabalho será dada atenção somente à parabólica.

##### 4.1.1 PARABÓLICA

É sabido que as parábolas são os paradigmas do discurso religioso para Paul Ricoeur. Por muito tempo, foram interpretadas pela igreja como alegorias.

Tomar-se-á como análise do Reino de Deus alguns excertos do texto bíblico no Evangelho segundo Mateus, capítulo 13.

Versículo 24: Propôs-lhes outra parábola, dizendo: O reino dos céus é semelhante ao homem que semeia a boa semente no seu campo;

Versículo 31: Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante ao grão de mostarda que o homem, pegando nele, semeou no seu campo;

Versículo 33: Outra parábola lhes disse: O reino dos céus é semelhante ao fermento, que uma mulher toma e introduz em três medidas de farinha, até que tudo esteja levedado.

<sup>13</sup> \_\_\_\_\_. **Hermenêutica Bíblica**. São Paulo: Edições Loyola, 2006 p.194

<sup>14</sup> \_\_\_\_\_ p.196

<sup>15</sup> RICOEUR, Paul. **Nas fronteiras da filosofia**. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p.193.

Versículo 38: O campo é o mundo; e a boa semente são os filhos do reino; e o joio são os filhos do maligno;

Versículo 44: Também o reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem achou e escondeu; e, pelo gozo dele, vai, vende tudo quanto tem, e compra aquele campo.

Versículo 45: Outrossim o reino dos céus é semelhante ao homem, negociante, que busca boas pérolas;

Versículo 47: Igualmente o reino dos céus é semelhante a uma rede lançada ao mar, e que apanha toda a qualidade de peixes.

Versículo 52: E ele disse-lhes: Por isso, todo o escriba instruído acerca do reino dos céus é semelhante a um pai de família, que tira do seu tesouro coisas novas e velhas.

A fala de que “O Reino de Deus é semelhante a...” é quando o Reino é sempre comparado ao conteúdo da parábola, a algo metafórico. Ele nunca é exatamente ou descritivamente ou definitivamente algo, mas ele só o é na metáfora.

## **5. O REINO E A METÁFORA**

Os textos bíblicos, sejam escatológicos, proverbiais ou parabólicos, apresentam como referente último o Reino de Deus. Mas o Reino de Deus é semelhante a várias coisas e outras também. O Reino já veio, e o Reino ainda virá. O Reino está aqui e também não se pode definir onde ele está. Dessa forma, é possível ver o uso da metáfora do ponto de vista ricoeuriano na compreensão do Reino de Deus na Bíblia. O Reino só é na medida em que ele mantém essa tensão dialética com não ser. É necessário fazer a interpretação do texto para que, na possibilidade de ser do texto se compreenda o Reino de Deus. A metáfora está diretamente ligada à experiência humana, e a metáfora bíblica, neste caso, ligada à experiência humana em seu limite. A linguagem religiosa aponta sempre para além do discurso, aponta para o Deus, para aquilo sobre o qual é o discurso.

Dessa forma, o Reino de Deus é o Reino de Deus na medida em que ele é a suspensão de um Reino qualquer, e na medida em que é o Reino propriamente dito. O Reino de Deus só o é, na hipérbole, no paradoxo. Dessa maneira, interpretar o Reino no texto bíblico não é definir nada sobre ele além dele mesmo. Com um

referente que é totalmente outro, um referente infinito, a única coisa que se pode falar sobre o Reino de Deus são suas semelhanças, aquilo que ele deveria ser. Ou seja, o Reino de Deus é uma metáfora que aponta para algo que não pode ser apreendido pelo humano, mas que é experienciado por ele.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Hermenêutica para ele não é mais somente um meio de interpretar o texto, mas o processo de situação, compreensão e interpretação do *ser-no-mundo* à medida que interpreta o texto. O texto em Ricoeur tem muito mais ligação com a existência humana do que com as intenções de um único autor ou a interpretação do leitor. A Hermenêutica só é feita quanto o leitor adentra aquilo que é chamado de Mundo do Texto, assumindo seus possíveis mais próximos, desenvolvendo na leitura do texto uma melhor interpretação de si, uma melhor interpretação do ser no mundo. Por isso que, para Ricoeur, os chamados grandes textos são os orientadores da Humanidade, pois eles guiam as grandes ações e nas suas sucessivas leituras continuam a orientar as ações, de modo que o texto se torna um espelho para a vida.

É aí que Ricoeur inverte a questão. Não é “como o ser conhece as coisas”, mas sim “o que é este ser que consiste em conhecer”. Pois o ser só é, pois é no mundo, ele pertence ao mundo que interpreta. Logo ele se interpreta.

O texto não é simplesmente um relato ou um mero discurso, mas propõe um mundo a ser habitado pelo leitor onde ele, o leitor, pode projetar seus possíveis mais próximos. O texto é um mundo de possibilidades.

Como dito sobre o Reino de Deus, ele é semelhante a muitas coisas, ele é como tantas outras, mas ele mesmo não é nada em definitivo. O Reino de Deus é dinâmico, assim como a vida é.

## REFERÊNCIAS

ABEL, Olivier; PORÉE, Jérôme. **Vocabulário de P. Ricoeur**. 1.ed. Coimbra: Minerva Coimbra, 2010.

AMHERDT, F. X. RICOEUR, Paul. **Paul Ricoeur: a hermenêutica bíblica**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

CRAIG, E. (Org.). **Routledge Encyclopedia of Philosophy**. Londres: Routledge. Tradução de Rogério Bettoni. 1998. Disponível em: <<http://criticanarede.com/hermeneutica.html>>. Acesso em 10 mai 2014.

CROATTO, José Severino. **As Linguagens da Experiência Religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 2001.

\_\_\_\_\_, **Hermenéutica bíblica: para una teoría de la lectura como producción de sentido**. Buenos Aires, La Aurora, 1984; ed. revisada: Buenos Aires, Lumen, 1994 y 2000. Traducciones: Hermenêutica bíblica, Biblical Hermeneutics.

DIAS DA SILVA, C. M. **Leia a Bíblia como literatura**. São Paulo: Loyola, 2007.

DILTHEY, W. **A construção do mundo histórico nas ciências humanas**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

FEE, Gordon & STUART, Douglas, **Entende o que lêes?** São Paulo: Edições Vida Nova, 1984.

GADAMER, H.G. **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003a, p.57-71.

M. AGÍS VILLAVARDE, **Del símbolo a la metáfora: Introducción a la filosofía hermenéutica de Paul Ricoeur**. Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, 1995.

PALMER, R. **A hermenêutica dialéctica de Gadamer**. In: PALMER, R. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1969.

POLAND, L. **Literary Criticism and Biblical Hermeneutics: a critique of formalist approacher**, California, Chico, 1985.

PORTOCARRERO, M. L. (coordenador) **Mal, Símbolo e Justiça: actas das Jornadas Internacionais realizadas em Coimbra nos dia 8 e 9 de Dezembro de 2000**. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2000.

REIMER, H.; DA SILVA, V. (orgs.) **Hermenêuticas Bíblicas: Contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica**. São Leopoldo: Oikos Editora/UCG/ABIB, 2006.

RICOEUR, Paul. **Nas fronteiras da filosofia**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Hermenêutica Bíblica**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. **Teoria da Interpretação**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: edições 70, 1976.

\_\_\_\_\_. **O Discurso da Acção**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: edições 70.

\_\_\_\_\_. **Ensaio sobre Interpretação Bíblica**. Tradução de José Carlos Bento. São Paulo: Fonte Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. **Do texto á acção**. Porto: Editora Rés.

SCHLEIERMACHER, F. D. E. **Hermenêutica**: arte e técnica da interpretação. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.